

A ESTRUTURA DOS DPS EM POSIÇÃO SUJEITO NO PORTUGUÊS RURAL AFRODESCENDENTE*

Victor Calvacanti Mariano*

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ilza Ribeiro/Alan Baxter

RESUMO

Este breve texto busca estudar a sintaxe e a semântica do sintagma nominal (NP) ou sintagma determinante (DP) em um *corpus* de fala de uma afrodescendente moradora da comunidade de Helvécia, no interior da Bahia. O texto visa fazer uma descrição do sistema de marcação de definitude e referencialidade de DPs em posição de sujeito sentencial no *corpus* em questão, tendo em vista o processo de transmissão linguística irregular que, teoricamente, está na base da formação do português popular do Brasil. Além disso, a fim de se traçar uma analogia entre o processo de formação do português brasileiro e o processo de formação de línguas crioulas, o artigo em questão traça uma comparação entre os resultados encontrados no *corpus* utilizado e os resultados encontrados nas línguas crioulas faladas em São Tomé (ALEXANDRE, HAGEMEIJER, 2007) e em Cabo Verde (BAPTISTA, 2007). Destarte, o texto traça os contextos sintático-semânticos em que a falante realiza ou não artigos (definidos ou indefinidos) em DPs em posição sintática de sujeito e compara-os com os resultados encontrados em estudos sobre línguas crioulas.

Palavras-chave: Sintagma determinante. Posição sujeito. Fala afrodescendente. Línguas crioulas.

ABSTRACT

This brief text explores the syntax and semantics of the noun phrase (NP) or phrase determiner phrase (DP) in a speech *corpus* of African descent who lives in the community of Helvécia in Bahia. The text aims to provide a description of the marking of definiteness and referentiality of DPs in subject position of the sentence in the *corpus* in question, in view of the irregular linguistic transmission process that theoretically underlies the formation of popular Portuguese in Brazil. Furthermore, in order to draw an analogy between the process of formation of the Brazilian Portuguese and the process of formation of creole languages, the article in question provides a comparison between the results found in the corpus used and results found in creole languages that are spoken in Santome (ALEXANDRE, HAGEMEIJER, 2007) and Cape Verdean (BAPTISTA, 2007). Thus, the text outlines the syntactic-semantic contexts in which the speaker realizes or does not realize articles (definite or indefinite) in DPs in syntactic position of subject and compares them with the results found in studies on Creole languages.

Key words: Determiner phrase. Subject position. Speech of African descent. Creole languages.

* O presente artigo foi realizado durante a disciplina Contato entre Línguas na Formação do Português do Brasil do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia, ministrada pelos Professores Dante Lucchesi e Alan Baxter.

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia. Email: victor.cavalcanti@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

O estudo da sintaxe do sintagma nominal (doravante NP, do inglês *Nominal Phrase*) ou sintagma determinante (DP, do inglês *Determiner Phrase*), seguindo a análise de Abney (1987), tem intrigado os linguistas há décadas (cf. BAPTISTA, GUÉRON, 2007). Isso porque, uma proposta de estrutura que dê conta de todas as línguas parece distante, uma vez que há grande diferença na realização dos artigos entre as línguas e as previsões que servem para uma, não servem para outra. Nesse sentido, a análise dos DPs em línguas crioulas surge como mais uma possibilidade de se lançar luz a esse campo complexo da sintaxe das línguas naturais.

As línguas crioulas do Atlântico, em sua maioria, são línguas oriundas de uma situação social bastante específica: a escravidão. Tais línguas se desenvolvem a partir da necessidade do escravo de aprender a língua do senhor (pessoa que o escraviza) sem que essa lhe seja ensinada – ou seja, ele é forçado a adquirir uma segunda língua no convívio, a partir de um modelo de difícil acesso e defectivo da língua alvo. Como produto deste aprendizado irregular, forma-se uma língua em que o léxico, em sua maioria, é “herdado” da língua do senhor (língua lexificadora) e a gramática possivelmente “herdada” das línguas de substrato (línguas africanas, em sua maioria), com a não incorporação, geralmente, de alguns morfemas flexionais/gramaticais nesse processo (cf. BAPTISTA, GUÉRON, 2007). Destarte, segundo Baptista e Guéron (2007, p. 9):

A hipótese de que parâmetros são puramente morfológicos tem conseqüências muito interessantes para o estudo das línguas crioulas. Se de fato a morfologia flexional é perdida (não incorporada) ou mínima no sistema nominal (ou outro) das línguas crioulas, então o gatilho para marcar o parâmetro flexional é também perdido. Consequentemente, não deve haver muita diferença paramétrica entre as línguas crioulas nessa área (ou qualquer outra) da gramática. (tradução minha)

Estudos, nesse sentido, têm verificado que, apesar de algumas línguas crioulas possuírem determinantes, há o uso extensivo de *bare nouns* (nomes nus, ou seja, sem determinante). Tal fato provavelmente é reflexo de uma possível não incorporação do “gatilho” para marcação paramétrica durante o processo de formação dessas línguas, discutido acima. Logo, entender os fatores sintáticos que legitimam o amplo uso de

bare nouns, além de entender os contextos em que se verifica o uso de artigos nessas línguas, deve trazer alguns novos rumos para a análise do uso de nomes com determinantes ou nus entre as línguas naturais, mais especificamente, para que se possa chegar a uma estrutura dos DPs através das línguas.

Assim, o presente artigo analisa a fala de uma afrodescendente, residente de uma comunidade rural isolada na Bahia (Helvécia), a fim de se entender o uso de *bare nouns* por essa falante de uma variedade rural do português brasileiro (doravante, PB). Dessa forma, pretende-se fazer um estudo comparativo – baseado na teoria da gramática gerativa (desenvolvida a partir de CHOMSKY, 1957 e trabalhos subsequentes) – que traga uma proposta de análise para a estrutura dos DPs, em posição sujeito, da amostra de fala aqui estudada. Tal estudo pode trazer um maior entendimento da estrutura dos DPs no PB, principalmente revelando traços do processo de formação da gramática desta língua, bem como de todas as línguas naturais.

A amostra de fala estudada faz parte do inquérito HV-15 do *corpus* do Português Afro-brasileiro, acervo do Projeto Vertentes do Português Popular do Interior do Estado da Bahia, coordenado pelo Prof. Dr. Dante Lucchesi. A escolha por tal *corpus* de análise se justifica, pois, apesar de não ser uma amostra de fala de língua crioula, é uma amostra que reflete o processo de transmissão linguística irregular de tipo leve que, segundo Lucchesi (2003, 2009a,b), é característico da formação do PB. No Brasil, as mesmas condições de contato entre diversas línguas (a europeia – o português –, as africanas dos escravos negros que foram levados ao país e, com menor força, a dos indígenas que já habitavam a terra antes da chegada dos colonizadores e que, mais tarde, foram dizimados) e o sistema de escravatura característico do *plantation*, que, em outras regiões como o Caribe, formaram línguas crioulas, podem ser observadas. Entretanto, apesar de essas condições serem relevantes para formação do que hoje se chama PB, não se pode dizer que houve no Brasil, de uma forma geral e maciça, um processo de criouliização (apesar de que não é descartada a hipótese de que tenha ocorrido tal processo em áreas isoladas do país). Lucchesi (2009a,b) chama atenção para o fato de que outros fatores evitaram uma criouliização maciça no Brasil, mas que o reflexo do contato entre línguas ocorrido está presente no PB, principalmente no uso popular da língua. Nas palavras do próprio autor:

(...) deve-se pensar, não em termos de criouliização estrita, mas num processo mais amplo de transmissão linguística irregular, que se caracteriza fundamentalmente pela simplificação e/ou eliminação de certas estruturas gramaticais; ou ainda, em outras palavras, pelo aumento na frequência de uso das formas não marcadas, bem como a sua generalização paradigmática. Seria esse processo de transmissão linguística irregular de tipo leve que

estaria na base da formação das atuais variedades populares do português do Brasil (...) (LUCCHESI, 2009a, p. 71/72)

Dessa forma, o estudo do PB utilizado pelas camadas mais baixas da população se destaca por refletir mais profundamente os contatos entre línguas no Brasil, uma vez que os fatores que inibiram a formação de um crioulo no país, como o acesso aos meios de comunicação em massa, atuam mais diretamente nas camadas mais altas. Dentre essas camadas populares, se particulariza o dialeto usado nas comunidades rurais isoladas afrodescendentes, que, por se tratar da fala de moradores de comunidades que possuem como características o isolamento e a descendência de negros escravos, possui características mais fortes do processo de transmissão linguística irregular de tipo leve, como o amplo uso de *bare nouns*. (cf. BAXTER, LOPES, 2009)

O estudo aqui desenvolvido busca, através da comparação com as línguas crioulas faladas em São Tomé (CST) (ALEXANDRE, HAGEMEIJER, 2007) e Cabo Verde (CVC) (LUCCHESI, 1993; BAPTISTA, 2007) – uma vez que, “as tipologias dessas línguas (...) podem ser de relevância para análise do dialeto de Helvécia” (BAXTER, LOPES, 2009), – e a comparação com outros estudos feitos a partir de *corpora* advindos da fala de habitantes de Helvécia (BAXTER, LOPES, 2009; RIBEIRO, 2010), fazer uma análise do uso de DPs na posição de sujeito na amostra de fala referida acima. Principalmente, foca-se aqui no uso de *bare nouns* e na sua contraparte onde o núcleo D está preenchido por artigo, no *corpus* estudado; visando explicar, através da análise da estrutura interna dos DPs, os contextos sintáticos e/ou semântico-discursivos (nos termos de VALLDUVÍ; 1993; LAMBRECHT; 1994, *apud* ALEXANDRE, HAGEMEIJER; 2007) que licenciam o uso e não uso do artigo.

Neste intuito, o presente artigo está dividido em dois tópicos principais: um em que se faz a análise sintático-semântica dos DPs, em posição de sujeito, encontrados no *corpus* HV-15 (tanto nus, quanto preenchidos); e outro em que se propõe uma estrutura sintática para explicar os DPs em HV-15. Por fim, há um tópico conclusivo em que se resumem as principais generalizações e propostas feitas em relação ao *corpus* em estudo.

2 ANÁLISE DOS DPS EM POSIÇÃO SUJEITO

Neste tópico, busca-se fazer a descrição completa dos contextos sintáticos e/ou semântico-discursivos em que os DPs com núcleo preenchido e *bare nouns*, na posição de sujeito da sentença, ocorrem em HV-15; dando ênfase a fatores que possam influenciar ou não na realização do artigo, como marcação de plural ou uso de relativas. Ressalta-se que, por *bare nouns*, entende-se aqui substantivos não precedidos de artigos, sejam eles marcados ou não para o plural.

Os conceitos de definitude, referencialidade e generacidade serão as noções¹ semânticas norteadoras da análise. Estas noções, tal qual são definidas aqui, baseiam-se em Givón (1978), Lyons (1999), Laca (1999), Baptista (2007) e Ribeiro (2010) e são as que seguem:

- (i) por *Definitude*, entende-se a propriedade dos determinantes de mostrar que o referente de uma expressão nominal é acessível tanto ao falante, quanto ao ouvinte (identificabilidade) e/ou que a expressão nominal corresponde à totalidade dos possíveis referentes (inclusão);
- (ii) por *Referencialidade*, entende-se a capacidade de os nominais fazerem referência a entidades específicas do mundo. Assim, o conceito de referencialidade adotado aqui se confunde com o de especificidade, de forma tal que, ao longo do texto, não haverá distinção entre eles. Assim, um nome pode ser indefinido com interpretação específica (referencial) ou não-específica (não-referencial), a depender se faz referência a um objeto específico ou familiar para o falante (*Alan comprou **uma casa nova***) ou não (*Rogério precisa de **uma caneta***). Da mesma forma, os traços [+/- específico] podem ser atribuídos a expressões nominais definidas (*Rogério quer entregar a faixa ao **presidente** – assim, ele tem de esperar o final das eleições* [- específico/leitura de intensão] / *Rogério quer entregar a faixa ao **presidente** – mas ele não quer recebê-la* [+ específico/ leitura de extensão]);
- (iii) quando um nominal é usado em sentido genérico, o falante marca uma classe, mas não um objeto específico. A depender das línguas naturais, este uso genérico pode ser feito com determinantes (artigos definido e indefinido) ou com *bare nouns* (*Um **elefante** tem tromba; O **elefante** tem tromba; **Elefantes** têm tromba*).

¹ Vale ressaltar que as interpretações que se seguem “dependem de múltiplas pistas lingüísticas – morfossintáticas – e conceptuais – pistas pragmáticas e de conhecimento de mundo, organização da informação no texto.” (RIBEIRO, 2010)

Os subtópicos que seguem, baseados nas noções citadas acima, trazem a análise dos DPs sujeitos encontrados na fala de HV-15 da seguinte forma: primeiramente, faz-se a análise dos DPs quando há artigo (definido ou indefinido) realizado foneticamente; em seguida, trata-se daqueles em que não há artigo realizado foneticamente, ou seja, dos *bare nouns*.

2.1 QUANDO HÁ ARTIGO REALIZADO FONETICAMENTE

Neste tópico, abordam-se alguns contextos sintático-semânticos que favorecem o aparecimento do determinante preenchido foneticamente na posição de sujeito da sentença na fala de HV-15. Preliminarmente, duas observações fazem-se relevantes para a análise aqui sugerida: (i) assume-se aqui que os artigos, em HV-15, são usados para marcar definitude; (ii) os artigos realizados foneticamente, na posição de sujeito, são sempre definidos (o, os, a, as), não havendo, neste contexto, o uso de artigos indefinidos precedendo nominais.

Em relação a estes fatos, Baptista (2007) argumenta que, para o CVC, a posição de sujeito favorece o aparecimento de *bare nouns* com leitura definida, uma vez que tal posição favorece o aparecimento de nominais com informação velha, ou seja, já citada. Segundo Baptista (2007, p. 76/77): “Nomes definidos singulares nus tendem a ser encontrados na posição de sujeito da sentença (informação velha), enquanto nomes indefinidos singulares nus (informação nova) tende a aparecer na posição de objeto (tradução minha)”. Para HV-15, parece que a tendência de a posição sujeito trazer informação velha se reflete também nos DPs com artigo preenchido, uma vez que só ocorrem artigos definidos preenchendo o núcleo D dos DPs quando esses são sujeitos sentenciais.

Os DPs com núcleo preenchido por artigo definido podem ter as seguintes interpretações, a partir das noções semânticas dadas acima:

(1) + Definido/+ Específico (singular)

a. (...) **a caçula** taí com...casô com Mané... do Santo...

b. Quando **o pai** morreu, ela tinha des'tamainzinha... Ela ficô des'tamainzinha, mas chorava, essa Dominga chorava...

(2) + Definido/+ Específico (plural)

a. **Os menino** sempe chegavam, mode dos menino in... tá tudo no emprego, né, eu num...

b. **Os menino** tudo que dexô mi... o... a menina, que dexô deste tamanha, é mãe de fi'

(3) + Definido/- Específico (singular)

a. A trovuada, né? Parece que **a chuva** vem.

(4) Genérico

a. De primêro, **o bicho** vinha na pota... E agora, nem vem...

b. **A pessoa** num sobé cozinhá uma carne de caça... 'tá ruim...

Antes de nome próprio o artigo só é utilizado se o nome estiver acompanhado de algum adjetivo:

(5) **A véa Verônica** morreu com cent'e tantos ano.

Alguns fatos chamam atenção a partir da análise de todos os DPs com artigo encontrado no *corpus*, com base nas interpretações listadas acima:

(i) há possibilidade de flexão somente no determinante para formação do plural. Ou seja, a noção de número, geralmente, é dada pelo artigo ao nome, já que este não flexiona em número. Tal fato corresponde ao que Alexandre e Hagemeyer (2007) observam no CST em que a flexão de número também não ocorre nos nomes. Para dar conta de tal fato, os autores propõem que, na estrutura

interna do DP em CST, não haja um sintagma de número (NbP, do inglês *Number Phrase*). Dessa forma, acredita-se que também dentro da estrutura interna do DP, na posição sujeito, em HV-15 não haja projeção de NbP;

(ii) como aponta o estudo de Baxter e Lopes (2009), o traço [+ humano] não parece influenciar o uso de *bare nouns*, diferente do que ocorre no CST (Alexandre; Hagemeijer, 2007);

(iii) contudo, como mostra Baptista (2007, 2002) para o CVC, o traço [+animado] e o traço [+definido] favorecem o aparecimento da marca de plural. Em HV-15, a marca de plural no determinante ocorre somente em um dado que não possui o traço [+ animado] (**Os coquero de Benedita** tá tudo que tava de pessoá que arrancô tudo!), ainda assim o nome em questão é modificado por um PP que tem como complemento um DP que termina sua projeção com um núcleo nominal [+ animado], denotando relação de posse. Nos demais casos, a marcação de plural no determinante só ocorre em nomes com o traço [+ animado], mostrando que os nomes [+ animado/+ plural] devem aparecer precedidos de artigo;

(iv) na análise de HV-15, vale o que é dito por Baxter e Lopes (2009, p. 326) – que analisam um conjunto de inquéritos que reproduzem a fala dos habitantes de Helvécia – para a análise do efeito que outros constituintes dentro do DP podem ter sobre o uso ou não do artigo, no caso definido:

(...) os possessivos pré-nominais têm um comportamento muito diferente daquele dos outros modificadores contemplados aqui (que são: oração relativa, adjetivo pré-nominal, adjetivo pós-nominal, sintagma preposicionado, possessivo e advérbio locativo) e são capazes de atribuir um grau de referência definida suficiente para dispensar a presença do artigo definido, uma característica geral no PB. Já a presença de outro constituinte atribuidor de referência realmente não inibe o uso do artigo definido, como se observa com o adjetivo pré-nominal, a oração relativa e o adjetivo pós-nominal.

(v) o uso de artigo definido antes de expressões nominais genéricas é observado também no inquérito HV-19, estudado por Ribeiro (2010), e que retrata, tal qual HV-15, a fala de uma habitante da comunidade de Helvécia. A autora ressalta que, como em HV-15, os genéricos precedidos por artigo definido são sempre singulares em HV-19.

Na próxima subseção, analisar-se-á os contextos sintático-semânticos em que ocorrem *bare nouns* na fala de HV-15. Tais quais as generalizações feitas acima, o próximo subtópico traz generalizações sobre o não uso de artigos precedendo nominais.

2.2 QUANDO HÁ A REALIZAÇÃO DE *BARE NOUNS*

Como dito acima, Baptista (2007, p. 76/77) postula que a posição de sujeito da sentença, no CVC, favorece o aparecimento de *bare nouns* com leitura definida. Tal fato também parece ser verdade para os *bare nouns* encontrados em HV-15, uma vez que, a maioria dos DPs nus encontrados na posição sujeito são definidos. Só há um dado de nome nu com leitura indefinida na posição sujeito em HV-15. Assim, as interpretações dadas aos *bare nouns* encontrados na posição de sujeito em HV-15, de acordo com as interpretações dadas acima são:

(6) + Definido/+ Específico (singular)

a. Mar Bento já ficô com medo, pensava que... que **onça** ia...levantá. e ele foi de fofotano, assim...que aí, mair na frente, pegô o picado, ó... Pisô pra fora, e chamô a gente de ir pra lá e...

b. E nasceu, e criô, casô... tá no lugá, **marido** morreu...

(7) + Definido/+ Específico (singular com leitura plural)

a. É... ele fez duas casa... Aí teve uma casa, menino, quemô, apois que **ma'bondo** votô de novamente...

b. **Laranja** inda num tá bom pra chupá, puque eu exprementê essas laranja tá sargad'... é...

(8) + Definido/- Específico (singular com leitura plural)

a. Cando saiu o casamento de... de Maria, fia de... de Filiciana, saiu o casamento esses dia, **peçoá todo que saiu do casamento que veio de lá**, de manhã cedo, tudo foi chegano lá naquela casa que morava, lá no terra de ININT... E ele morreu...

(9) – Definido/+ Específico

a. O sinhô duvida que **cobra** curreu em minha trás?

(10) Genérico (singular)

a. Não usa bicho mais. **Pêxe** qué mai assim, pêxe tudo ficô, mas ININT

b. É, mata! É bom, mar mata. **Camarada** num subé, morre mesmo. ‘Cê só viu fogo, cê num pode chegá só... dento d'agua...

Nomes próprios em HV-15 são sempre nus, a não ser nos casos mencionados acima, em que o nome é modificado por um adjetivo. Tal fato reflete o uso de nomes próprios pelos falantes do PB culto no estado da Bahia.

(11) Num reconhece. Helena tamém é ôtra. **Helena** disse que ela num vai apará filho de ninguém mais. Quem quisé agora vai no méd'co. Vai no méd'co.

São fatos relevantes que se depreende a partir da análise dos *bare nouns* presentes em HV-15, com base nas interpretações semânticas listadas acima:

(i) O uso de DPs em HV-15, na posição de sujeito, difere do uso em outras línguas, uma vez que licencia a presença de substantivos singulares sem artigo na posição de sujeito com leitura definida específica e com leitura genérica. Quanto a isso, Ribeiro e Cyrino (2010) observam que: “Conforme apontado em diversos trabalhos, nus singulares não são possíveis em posição de sujeito em línguas como o espanhol, a menos que sejam prosodicamente marcados”;

(ii) mais uma vez, a noção de pluralidade tem um papel decisivo para predição do uso do artigo, ou não. Já que a marcação de plural se dá através do determinante em HV-15, nomes que tendem a ter essa marca são sempre precedidos por artigo, como vimos acima. Foi proposto acima que os nomes [+animado] favoreçam a marcação do plural. O que se espera então é que os nomes

com traço [- animado] com leitura plural sejam nus, já que o traço [- animado] desfavorece a marcação de plural que, no caso, é feita através do artigo. Tal fato foi justamente o observado em HV-15, em que nomes com o traço [- animado] com leitura plural aparecem nus;

(iii) a noção de pluralidade parece ser relevante também quando se trata dos nomes com os traço [+ Definido/- Específico]. Isso porque os nomes que possuem essas características, em HV-15, são precedidos por artigo quando são singulares e nus quando se possui leitura plural. Contudo, outros fatores podem estar também imbricados nessa relação, como o uso de relativas modificando o nome;

(iv) o uso de *bare nouns*, por HV-15, vai de encontro ao que diz Bickerton (1981, *apud* BAPTISTA, GUÉRON, 2007, p. 18), uma vez que, segundo Bickerton, as línguas crioulas usam *bare nouns* para nomes com o traço [- específico]. Contudo, HV-15 utiliza nomes nus tanto com traço [-específico], quanto com traço [+ específico];

(v) outro fato que chama atenção é o fato de os genéricos, nus ou não, serem sempre singulares, sendo que os DPs nus genéricos são maioria se comparado com sua contraparte realizada. Tal fato reforça ainda mais a ligação entre a pluralidade e o uso do artigo, como observa Alexandre e Hagemeyer para o CST;

(vi) o uso ou não do artigo parece também estar relacionado à acessibilidade do referente, como observa Ribeiro (2010) para HV-19:

(12) INF-15: Aí, trôxe... As fia, **as menina** dele ficô enchatiado...

CIRC-1: É...

INF-15 : **Menina** ficô enchatiado... as menina dele... E'eu num ofereceu nem uma xíca de café, poque num tem pó.

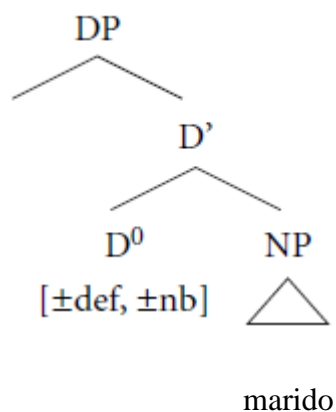
(vii) Chierchia (1998 *apud* BAPTISTA, GUÉRON, 2007), através do seu parâmetro do mapeamento nominal, propõe que os nomes nus contáveis sem artigo, recebam uma interpretação de massa, o que não ocorre em HV-15 (“...**marido** morreu.” em 6b).

O próximo tópico, baseado nas generalizações feitas acima para o uso e não uso de artigos precedendo substantivos na fala de HV-15, traz uma proposta da estrutura dos DPs na posição de sujeito sentencial para os usos da falante em questão.

3 UMA PROPOSTA DE ANÁLISE

Tendo em vista o uso de *bare nouns* em HV-15, propõe-se aqui que a estrutura dos DPs em posição de sujeito seja a mesma que Alexandre e Hagemeijer (2007) propõem para o DP do CST. Isso se deve ao fato de que tanto em HV-15, quanto no CST, não há marcação de plural no nome. Assim, acredita-se que os DPs de CST e de HV-15 não projetem NbP, sendo o núcleo D_0 responsável por marcar o plural dos nomes, seja através da marcação morfológica do determinante, seja pela ligação que os artigos (nulos ou preenchidos) façam entre o nível gramatical e o nível extra-gramatical (semântico-discursivo, nos termos de VALLDUVÍ, 1993; LAMBRECHT, 1994, *apud* ALEXANDRE, HAGEMEIJER, 2007). Assim, propõe-se a estrutura em (13) (adaptada de ALEXANDRE; HAGEMEIJER, 2007: 51):

(13)



Contudo, somente a proposta de Alexandre e Hagemeijer (2007) parece não dar conta de prever todos os casos em que deve ocorrer artigo nulo ou preenchido. Em alguns casos, o uso é bastante parecido, o que torna difícil dizer a diferença entre as ocorrências (14).

(14) a. **O menino** chegô, puxô o braço... tratô o braço... o braço tudo ficô machucado (...). – [+ Def./+Esp./Sing.]

b. **Menin'**inda tava des'tamanho ININT e Pedo tava maió. – [+ Def./+Esp./Sing.]

Assim, é razoável pensar que a falante HV-15 possua internalizada mais de uma gramática e que ela varie em seu uso; conforme observa-se nos exemplos acima, em que, em um mesmo contexto sintático-semântico, a falante varia entre o uso de *bare noun* e de DP com núcleo preenchido por artigo. Contudo, isso não passa de uma hipótese, já que tal afirmação depende de uma análise mais aprofundada das possibilidades estruturais dos DPs em HV-15 e de outros aspectos da gramática desta falante.

4 CONCLUSÃO

O presente artigo buscou discutir a estrutura do DP, na posição de sujeito, na fala de HV-15. Para tanto, discutiram-se os usos de nomes precedidos por artigos e os usos de *bare nouns* por parte da falante. Com base em uma análise da semântica destes DPs, propuseram-se aqui generalizações em que se podia prever a ocorrência ou não de artigos precedendo nomes em alguns casos. Também se buscou aqui estabelecer comparações entre esta análise e análises outras sobre outros falantes oriundos de Helvécia e sobre crioulos, a fim de mostrar processos semelhantes entre essas línguas. Por fim, propôs-se que a estrutura proposta por Alexandre e Hagemeyer para os DPs de CST pode também ser aplicado aos DPs de HV-15. E mais, em face de tal proposta estrutural não dar conta completamente da variação entre o uso de *bare nouns* e nomes com determinante preenchido em HV-15, ventilou-se a possibilidade de a falante possuir mais de uma gramática internalizada.

REFERÊNCIAS

- ABNEY, S. P. *The English Noun Phrase in its Sentential Aspect*. Dissertação de PhD. MIT, 1987.
- ALEXANDRE, N.; HAGEMEIJER, T. Bare nouns and the nominal domain in Santome. In: BAPTISTA, M.; GUÉRON, J. (Ed.). *Noun phrases in creole languages: a multi-faceted approach*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2007.
- BAPTISTA, M. *The syntax of Cape Verdean Creole: the Sotavento varieties*. Amsterdam: John Benjamins, 2002.
- _____. On the syntax and semantics of DP in Cape Verdean Creole. In: BAPTISTA, M.; GUÉRON, J. (Ed.). *Noun phrases in creole languages: a multi-faceted approach*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2007.
- _____.; GUÉRON, J. Noun phrases in creole languages . In: BAPTISTA, M.; GUÉRON, J. (Ed.). *Noun phrases in creole languages: a multi-faceted approach*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2007.
- BAXTER, A.; LOPES, N. O artigo definido. In: LUCCHESI, D; BAXTER, A; RIBEIRO, I. (Org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009b, p. 121-124.
- BICKERTON, Derek. *Roots of language*. Ann Arbor: Karoma, 1981.
- CHIERCHIA, G. Reference to kinds across languages. In: *Natural Language Semantics* 6, 1998. p. 339–405.
- CHOMSKY, N. *Syntactic structures*. The Hague: Mouton, 1957.
- GIVÓN, T. Definiteness and referentiality. In J. Greenberg, C. Ferguson & E. Moravcsik (Eds.). *Universals of human language*, vol. 4. Stanford: Stanford University Press, 1978. p. 291-330.
- LACA, Brenda. (1999). Presencia y ausencia de determinante. In: I. Bosque & V. Demonte. (orgs.). *Gramática descriptiva de la lengua española*, v. 1, Sintaxis básica de las clases de palabras. Madrid: Editorial Espasa Calpe. pp.891-928.
- LAMBRECHT, K. *Information Structure and Sentence Form – Topic, Focus and the Mental Representation of Discourse Referents*. Cambridge: CUP, 1994.
- LUCCHESI, D. The article systems of Cape Verde and São Tomé Creole Portuguese: General principles and specific factors. In: *Journal of Pidgin and Creole Languages* 8(1), 1993. p. 81–108.
- _____. O conceito de transmissão lingüística irregular e o processo de formação do português do Brasil. In: RONCARATI, C; ABRAÇADO, J. (Org.). *Português*

brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003, p. 272-284.

_____. História do contato entre línguas no Brasil. In: LUCCHESI, D; BAXTER, A; RIBEIRO, I. (Org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009a, p. 41-74.

_____. A transmissão lingüística irregular. In: LUCCHESI, D; BAXTER, A; RIBEIRO, I. (Org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009b, p. 121-124.

LYONS, C. *Definiteness*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

RIBEIRO, I. *O sistema de definitude e de referencialidade de uma falante afro-brasileira idosa*. Comunicação apresentada no congresso da ABECs – Associação Brasileira de Estudos Crioulos e Similares, 2010.

_____.; CYRINO, S. *A expressão de DPs em dois registros de afro-brasileiros do século XIX*. Apresentado no workshop “Gramaticalização: abordagens formais e funcionais”, 2010.

VALLDUVÍ, E. *The Informational Component*. Dissertação de PhD. Philadelphia PA: University of Pennsylvania, 1993.